

Conceito Espírita de Evolução

Eugenio Lara

*Nada muere ni cesa en su camino
todo vive y se agita, hasta el insecto
tiene un destino en este plan hermoso
Donde rigen las leyes de lo eterno.*

Humberto Mariotti

O espiritismo é, dentre tantas classificações e caracterizações, uma corrente filosófica, conforme a definição conceitual de seu fundador, Allan Kardec. O espiritismo também é, segundo ele, uma corrente de pensamento, uma escola filosófica, como se vê nessa afirmação contida no artigo *O Partido Espírita*, publicado na *Revista Espírita*: “Os Espíritas se consideravam bem como uma **escola filosófica**, mas nunca lhes tinha vindo à cabeça se julgar um partido” (julho de 1868, grifo meu).

Trata-se de uma filosofia totalmente inserida na esfera do espiritualismo. No frontispício de sua obra primordial, *O Livro dos Espíritos*, pode-se ler: filosofia espiritualista.

E, como escola filosófica espiritualista, o espiritismo se estrutura a partir de princípios nucleares, fundamentais, balizadores do pensamento, de pesquisas e experimentações, de toda a práxis espírita. Não há, entretanto, um consenso quanto à quantidade, qualidade e conceituação desses princípios. Kardec não pôde completar esse capítulo imprescindível para o pensamento espírita. Em *Obras Póstumas*, no texto inacabado *Credo Espírita*, Kardec deixa em branco o intertítulo *Princípios Fundamentais da Doutrina Espírita reconhecidos como verdades consagradas*. Esse talvez tenha sido o seu último manuscrito, produzido antes de desencarnar, em 31 de março de 1869.

Há de se considerar a acepção da palavra princípio (*príncipe*) utilizada por Kardec. Há um sentido geral e outro específico, que tem mais a ver com a estrutura filosófica do espiritismo. Na medida em que, pelas suas pesquisas e diálogos com os espíritos, Kardec foi desvendando novas ideias, novas informações, ele com o tempo as incluía nas chamadas obras básicas. A *Revista Espírita* foi o seu laboratório de ideias, como afirmou o pensador espírita e tradutor Júlio A-breu Filho. A partir da reação obtida com a publicação de determinadas ideias e teorias, ele, pelo critério do consenso universal, da concordância de ideias entre os encarnados e desencarnados, as incluía na kardequiana como um novo princípio. Os princípios fundamentais, nucleares, são outra coisa, num sentido mais específico da palavra, pois têm mais a ver com a sua epistemologia do que com os desdobramentos filosóficos e morais desses mesmos princípios.

É uma questão em aberto, ainda que dela dependa a identidade e o futuro desse conjunto de ideias, cuja natureza epistemológica e axiológica é desconhecida, contraditória e impenetrável para muitos estudiosos. Não foi à-toa, portanto, que o jornalista e filósofo espírita J. Herculano Pires (1914-1979) afirmou que o espiritismo é “o grande desconhecido”, uma “doutrina do futuro”. Segundo ele, “uma ciência de gigantes em mãos de pigmeus”.¹

Apesar de haver divergências na eleição e compreensão desses princípios, não há dúvida alguma de que a evolução, tanto material como intelecto-moral, deverá ser parte integrante e fundamental em uma análise estrutural e epistemológica do espiritismo. Bem como a reencarnação e a pluralidade dos mundos habitados. Esses três princípios, ladeados pela imortalidade do ser e sua comunicabilidade com o mundo físico e extrafísico, formam o núcleo duro do espiritismo, sua estrutura básica, sem o qual ele deixaria de ser o que é, sob pena de perder a identidade.

Desses princípios, somente o da pluralidade dos mundos é admitido como hipótese pela ciência atual. O princípio da evolução, que preferimos denominar de **evolução contínua**, possui correspondência com a teoria da evolução desenvolvida por Charles Darwin e Alfred Russel Wallace, apenas em sua expressão material, no mecanicismo físico, biológico.

A expressão **evolução contínua** se adequa melhor às ideias que se depreendem da análise do evolucionismo kardecista. A expressão *evolução infinita* pode dar a ideia de que o ser pensante, o princípio inteligente tenha tido um início. E segundo o próprio questionamento de Kardec, é quase impossível imaginar um ser que tenha tido início mas não tenha um fim. O início do princípio inteligente, como espírito, criado simples e ignorante, se ajusta a essa expressão. Contudo, essa terminologia não dá conta do processo vivenciado por esse mesmo espírito no período pré-humano. **Evolução contínua** é mais apropriado pois dá ideia de permanência, de perenidade, sem que se tenha em conta um princípio ou um fim do sujeito do processo evolutivo: o princípio inteligente ou espiritual. Os próprios espíritos admitem que não tiveram um início: “Podes dizer que não tivemos princípio, se quiseres com isso significar que, sendo eterno, Deus há de ter sempre criado ininterruptamente. Mas, quando e como cada um de nós foi feito, repito-te, nenhum o sabe: aí é que está o mistério.” (*O Livro dos Espíritos* – q. 78 – Cap. I – Dos Espíritos – Parte Segunda, Do mundo espírita ou mundo dos espíritos)

A partir da ideia de progresso dos seres e das coisas, Kardec chegou à **evolução contínua**, não-segmentada, não-verticalizada. Ou seja, há um processo, um *continuum* entre os seres inferiores da criação e os humanos. “Do

¹ Do artigo *Uma Tomada de Consciência*, publicado originalmente no periódico *Mensagem*, em setembro de 1975. Para Herculano Pires, o espiritismo é uma filosofia incompreendida pelos próprios espíritas. Essa ideia foi desenvolvida em forma de curso básico no livro *Curso Dinâmico de Espiritismo - O Grande Desconhecido*, lançada em edição póstuma, três meses após seu passamento, em junho de 1979.

átomo ao arcanjo”, tese essa somente admitida, ainda que *sub judice*, pelo Druida de Lyon, a partir do lançamento da segunda edição de *O Livro dos Espíritos*.

Mesmo com a inclusão da continuidade evolutiva a partir dos reinos inferiores da natureza, Kardec deixa em aberto as relações evolutivas existentes entre os animais e o ser humano, bem como a origem do princípio inteligente:

“O ponto inicial do espírito é uma dessas questões que se prendem à origem das coisas e de que Deus guarda o segredo. Dado não é ao homem conhecê-las de modo absoluto, nada mais lhe sendo possível a tal respeito do que fazer suposições, criar sistemas mais ou menos prováveis. Os próprios espíritos longe estão de tudo saberem e, acerca do que não sabem, também podem ter opiniões pessoais mais ou menos sensatas.”²

Sobre o estágio pré-humano, Kardec afirma que “nem todos pensam da mesma forma quanto às relações existentes entre o homem e os animais. Segundo uns, o espírito não chega ao período humano senão depois de se haver elaborado e individualizado nos diversos graus dos seres inferiores da Criação. Segundo outros, o espírito do homem teria pertencido sempre à raça humana, sem passar pela feira animal.”³

Logo se vê que o fundador do espiritismo não toma partido e deixa em aberto esse tema que viria a ser posteriormente desenvolvido na *Revista Espírita* e em sua última obra *A Gênese*, lançada em 1868.

Em *A Gênese*, Kardec deixa claro sua simpatia pela tese da continuidade evolutiva entre os animais e o homem: “Segundo a opinião de alguns filósofos espiritualistas, o princípio inteligente, distinto do princípio material, se individualiza, se elabora, passando pelos diversos graus da animalidade; é ali que a alma se ensaia para a vida e desenvolve suas primeiras faculdades, pelo exercício; por assim dizer, isso seria seu tempo de incubação. Chegada ao grau de desenvolvimento que tal estado comporta, ela recebe as faculdades especiais que constituem a alma humana. **Haveria assim filiação espiritual do animal para o homem, como também existe uma filiação corporal.**”⁴ (grifo nosso)

Darwin e Kardec

O naturalista inglês Charles Darwin (1809-1882) lançou sua principal obra, *A Origem das Espécies*, em 1859. Nela, Darwin demonstra as bases da teoria da evolução, uma concepção revolucionária que provocou enorme celeuma no meio científico e religioso que persiste até hoje. O espiritismo não ficou alheio. Ele também sofreu o impacto dessa teoria inovadora.

Como todos os intelectuais de sua época, Kardec muito provavelmente leu esse livro, cujo lançamento gerou as condições necessárias para mudanças doutrinárias que viriam a seguir. Não por acaso, um ano depois, ele reformula o

² *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec – questão 613.

³ Idem – Comentário de Allan Kardec.

⁴ *A Gênese*, Allan Kardec – Cap. XI, item 23.

conceito espírita de progresso verticalizado do princípio inteligente e admite a tese da **evolução contínua**. Até então, o princípio inteligente encarnado no animal jamais reencarnaria no reino hominal. E esse mesmo princípio encarnado no ser humano, nunca passaria por uma série sucessiva de existências nos reinos inferiores da natureza. Há o progresso, mas é vertical. Não há um continuum evolutivo entre os animais e o ser humano, que dirá dos vegetais e minerais. Os animais são sempre animais e o ser humano é sempre humano. Isso é bem explícito na primeira edição de *O Livro dos Espíritos*.

1ª. Edição (1857):

127. A alma do Homem não teria sido primitivamente o Princípio Vital de ínfimos seres vivos da Biocriação, que chegou, ex-vi de lei progressiva, até o ser humano, percorrendo os diversos graus da escala orgânica?

“Não! Não! Os espíritos, homens somos desde natos”.

“Cada ser vivo só progride na sua espécie e em sua essência. O Homem não foi jamais outro ser senão *homo*”.

Torna-se evidente que essa primeira tese evolucionista desenvolvida e lançada em 1857 é incompatível com a tese darwiniana, aceita posteriormente por Kardec, de que a raça humana é descendente de um tronco comum aos primatas ou, numa linguagem mais coloquial, de que o homem descenda do macaco.

2ª. Edição (1860) — 607. Ficou dito que a alma do homem, em sua origem, assemelha-se ao estado de infância da vida corpórea, que a sua inteligência apenas desponta e que ela se ensaia para a vida. Onde cumpre o espírito essa primeira fase?

– Numa série de existências que precedem o período que chamais de Humanidade.

Em *A Gênese* (1868), sobre a origem do corpo humano, Kardec admite a hipótese de que ele teria semelhanças evolutivas com o macaco.

A Gênese (Cap. XI, item 15 — Hipótese sobre a origem do corpo humano) — “Fique bem entendido que aqui unicamente se trata de uma hipótese, de modo algum posta como princípio, mas apresentada apenas para mostrar que a origem do corpo em nada prejudica o espírito, que é o ser principal, e que a semelhança do corpo do homem com o do macaco não implica paridade entre o seu espírito e o do macaco.”

Para quem pensa que Kardec sempre foi lamarckiano, a afirmação contida na *Revista Espírita* acerca dessa questão é bem elucidativa, como veremos a seguir. Ele insistiu na ultrapassada tese da geração espontânea até pouco antes de desencarnar.

A teoria da geração espontânea, destroçada pelas pesquisas de Pasteur, é hoje tão ultrapassada quanto a frenologia, outra tese anacrônica admitida por Kardec. No entanto, é necessário diferenciar a teoria da geração espontânea das formulações teóricas acerca da origem da vida – como sustenta Hernani Guimarães Andrade em sua magistral obra, *Morte, Renascimento, Evolução* – até por-

que a biogênese ainda é uma equação com muitas incógnitas, como se vê nessa questão de *O Livro dos Espíritos*:

49. *Se o gérmen da espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos do globo, por que não se formam espontaneamente homens, como na origem dos tempos?*

“O princípio das coisas está nos segredos de Deus. Entretanto, pode dizer-se que os homens, uma vez espalhados pela Terra, absorvem em si mesmos os elementos necessários à sua própria formação, para os transmitir segundo as leis da reprodução. O mesmo se deu com as diferentes espécies de seres vivos.”

Allan Kardec, no entanto, filia-se quase que de modo incondicional à tese evolucionista recém-lançada por Darwin, como se vê a seguir:

Revista Espírita (1868 - julho - A Geração Espontânea e a Gênese) —

“Quanto às espécies que se propagam por procriação, uma opinião que não é nova, mas que hoje se generaliza sob a égide da ciência, é que os primeiros tipos de cada espécie são o produto da espécie imediatamente inferior. Assim estabeleceu-se uma cadeia ininterrupta, desde o musgo e o líquen até o carvalho, e depois o zoofita, o verme de terra e o ouçã até o homem.”

“Os partidários desta teoria que, repetimo-la, **tende a prevalecer, e à qual nos ligamos sem reserva**, estão longe de ser espiritualistas, e ainda menos espíritas.” (Grifo meu)

A palavra evolução, do latim *evolutione*, foi utilizada primeiramente por Lamarck a fim de classificar os vários estágios de desenvolvimento do feto. Darwin somente a aplicou em seus últimos trabalhos. Ele preferia o termo transmutacionismo. Interessante notar que essa palavra não é utilizada por Kardec para exprimir uma teoria articulada e estruturada, mas sim como sinônimo de progresso. Ele a usa uma única vez em *A Gênese*.⁵

Alfred Russel Wallace

O naturalista Alfred Russel Wallace (1823-1917) formulou, paralelamente a Darwin, seu contemporâneo, a teoria da evolução. Apesar de a origem do evolucionismo se confundir com Darwin, já em 1855, em um artigo intitulado *Sobre a lei que regula a introdução de novas espécies*, Wallace expôs pela primeira vez suas ideias evolucionistas.

Socialista, apesar de sua origem pequeno burguesa, ele se converte ao espiritismo após investigar vários fenômenos psíquicos e mediúnicos. Escreveu livros e artigos sobre o “novo espiritualismo”, mas não chegou a correlacionar de forma mais aprofundada o evolucionismo com o espiritismo.

Se não fosse um manuscrito junto de uma carta que enviou a Darwin, em 1857, a tese evolucionista permaneceria engavetada por muito mais anos.

⁵ *A Gênese*, Allan Kardec – cap. XVIII, Sinais dos Tempos, item 20.

Nele, Wallace mostra suas conclusões acerca dos princípios básicos da teoria evolucionista, e incentiva Darwin a publicar essa tese. Ao ler a carta o naturalista percebeu que estava na hora de expor o resultado de tantos anos de pesquisa, até por um certo melindre, um desafio ao seu orgulho intelectual.

O receio de Darwin em manter essas ideias em sigilo é compreensível. Sua esposa era muito religiosa. O avô, também naturalista, era anglicano e, portanto, criacionista. Ele mesmo, depois de desistir do curso de medicina chegou a estudar em Cambridge, por imposição do pai, para ser clérigo anglicano, pouco antes de embarcar como pesquisador e naturalista no Beagle, em uma expedição científica no início de sua juventude. Deixou de ser clérigo para ser naturalista. A ciência agradece.

Darwin tinha consciência da reação da Igreja, das academias científicas, de toda a sociedade. E foi justamente o que aconteceu. A reação foi contundente. Só que o evolucionismo foi uma “pá de cal” na teologia cristã, um golpe certo. Jeová, Adão e Eva, pecado original, arca de Noé etc., tudo isso cai por terra com o evolucionismo. Os cristãos atuais tentam sobreviver filosoficamente através da maquiagem científica da tese criacionista (design inteligente), mas em vão.

O Criacionismo

É fora de dúvida que a teoria evolucionista invalida a tese bíblica da criação divina e do fixismo biológico. Sem conseguir abafar ou até destruir o evolucionismo, as religiões monoteístas, principalmente a cristã, tentam combater a teoria de Darwin no terreno científico.

Trata-se do criacionismo científico, onde a tese do design inteligente ou projeto inteligente mostra-se como uma nova interpretação da evolução, compatível com uma ação providencial. Para os partidários dessa ideia, há ocorrências na natureza que não podem ser explicadas pela teoria da evolução. Haveria uma intenção, um desejo divino, uma vontade primordial que seria a única explicação para determinados fenômenos, determinadas estruturas complexas que se situam à margem do mecanismo evolutivo, conceito esse denominado por seus seguidores de *complexidade irreduzível*. Não são as forças da natureza e as leis biológicas que forjam os seres mas sim uma causa inteligente, uma “força superior”, não necessariamente Deus.

Os oponentes dessa teoria afirmam que ela não foi comprovada, que não há indícios, muito menos evidências de que determinados organismos já teriam surgido prontos e acabados, sem passar pelo processo de seleção natural, sem que se partisse do simples ao complexo, pois já nascem com uma complexidade intrínseca e irreduzível.

Nos Estados Unidos há escolas que aceitam a tese criacionista em detrimento da teoria evolucionista, notadamente em estados onde a influência cristã é predominante, o que demonstra a faceta política dessa polêmica, que saiu das academias para os esquemas de poder.

O darwinismo nunca foi uma unanimidade entre a comunidade acadêmica. Vários cientistas admitem hoje outras possibilidades para se tentar compreender e explicar a origem da vida em nosso planeta, o que fez surgir diversas correntes, dentre elas o neodarwinismo⁶. O debate é intenso. Todavia, o evolucionismo se constitui hoje numa conquista da humanidade, em termos filosóficos e científicos, uma teoria genial, verdadeiramente revolucionária. E não há como fazer o carro da história dar marcha a ré.

O Evolucionismo Espírita

O espiritismo admite a tese de Darwin quanto à origem das espécies, a seleção natural, a evolução biológica. A tese evolucionista não se choca com a filosofia espírita, que a ela não se restringe, já que o seu objeto de estudo, o espírito, um dos elementos constitutivos do universo, segundo sua cosmogonia, se acha sujeito, em sua individuação, a outros processos, independentes e concomitantes ao evolucionismo material e biológico.

O princípio inteligente sobrevive aos mecanismos seletivos da natureza e a eles retorna de modo mecânico, involuntário e contínuo, nos primórdios de sua evolução intelecto-moral e psíquica. Na medida em que se desenvolve, esse mesmo princípio inteligente atinge novos estágios, compatíveis com a evolução biológica. O evolucionismo espírita só é concebível através da reencarnação e da existência de outros mundos habitados e, portanto, de uma infinidade de espécies, das simples às mais complexas, de formas biológicas terrestres e extraterrestres, que proporcionam as circunstâncias materiais, biológicas e exobiológicas para a sua manifestação, seja na Terra ou em outros mundos habitados.

Do simples ao complexo, numa trajetória nem sempre ascendente, mas constante, emergindo dos processos de conservação e destruição, da seleção natural, do reino da necessidade para o da vontade plena, muito além das formas primitivas, o princípio inteligente se autoconstrói através da reencarnação ou palingênese.

A tese de que o espírito é criado simples e ignorante atende à necessidade de nos sentirmos criados por uma coisa superior, por Deus, por um Criador. No entanto, trata-se aí do princípio inteligente em um de seus estágios evolutivos, apto a encarnar em corpos humanos, ou em algum tipo de humanoide, não necessariamente em nosso planeta. Ou seja, nossa origem não começa aí nesse ponto. Há um período pré-humano. O início das coisas é uma incógnita para a humanidade. A origem do espírito, do ser, é uma dessas questões que desafiam nossa inteligência e mexe com nossos sentimentos mais recônditos. Trata-se de uma caixa preta que ainda não foi aberta.

⁶ O Neodarwinismo ou *Teoria Sintética da Evolução*, acrescenta à teoria de Darwin novos fatores que não poderiam ser considerados em sua época, como a transferência dos caracteres adquiridos através do código genético, de influências ecossistêmicas, dentre outros componentes que influenciam o processo de seleção natural. Essa corrente científica se tornou uma das bases da psicologia evolutiva.

O que sabemos, ao menos teoricamente, é que da individualização do elemento espiritual ou inteligente, surge o princípio inteligente ou espiritual. O espiritismo é uma filosofia dualista e dialética. Concebe dois elementos básicos constitutivos do universo: espírito e matéria, que não se acham estanques, contrapostos e antagônicos, mas estão permanentemente ligados por gradações do elemento material. Essa substância, Kardec denominou de fluido cósmico, como se fosse um terceiro elemento, adjacente à matéria, mas sem ser matéria, um componente à parte e com uma estrutura toda própria.

Hoje, numa linguagem mais contemporânea, poderíamos chamar de energia cósmica, que é matéria também, modificada, em gradações e graduações pouco conhecidas. Daí a correspondência do pensamento do metapsiquista francês Gustave Geley (1868-1924) com a filosofia espírita, do qual era simpatizante, ao afirmar que *não existe matéria sem inteligência e nem inteligência sem matéria*. Geley estudou a fenomenologia espírita e era simpatizante do espiritismo. Desenvolveu uma interessante teoria evolucionista a partir da tese do dinamopsiquismo essencial, do indivíduo concebido como representação existencial e contendo em si todas as potencialidades, em um processo evolutivo onde ele passa do inconsciente ao consciente. Suas teorias foram aplicadas por Manuel S. Porteiro em sua concepção dinamogenética da história, desenvolvida em sua magistral obra *Espiritismo Dialético*.

Para o espiritismo, inteligência e espírito se confundem num princípio comum, somente separável de modo abstrato, pelo pensamento. Na realidade, são inseparáveis, mas são um e a mesma coisa, segundo nossa percepção sensorial e extrassensorial. A natureza íntima desse elemento é desconhecida, seja como parte constitutiva do Universo ou como unidade pensante, como um ser inteligente, que possui uma forma e uma estrutura também desconhecidas.

A reencarnação do princípio inteligente em seu início, como espírito simples e ignorante, apto à encarnação em corpos humanos, se assemelha ao estágio pré-volitivo, pré-hominal, pois na medida em que o livre-arbítrio, a razão e a afetividade se desenvolvem, ocorre o fenômeno da erraticidade. A reencarnação se torna mais espaçada e sujeita não somente às circunstâncias, à força das coisas, mas fundamentalmente à vontade, à volição, ao exercício da liberdade e da afetividade.

Mas a erraticidade deixa quase de existir na medida em que o princípio espiritual se aprimora, as circunstâncias materiais da existência deixam de ser um estorvo para a expressão do ser, o que resulta em reencarnações contínuas e imediatas, pouco espaçadas pela erraticidade, até chegar ao estágio mais avançado de evolução, como espírito puro, na classificação kardequiana.

Os espíritos **imigram**, individualmente ou em grupo, por missão ou comprometimento existencial. Esse é um outro componente a ser considerado no processo evolutivo. Não sabemos quais são os critérios e os mecanismos que possibilitam o intercâmbio palingenético entre os mundos, sistemas solares, entre as galáxias. Todavia, segundo informações dos espíritos, esse intercâmbio é necessário e se faz naturalmente na medida em que o contato de espíri-

tos de evolução diferenciada possa acelerar o desenvolvimento intelecto-moral de determinado orbe ou sistema solar.

Isso teria acontecido com a Terra em relação a falanges de espíritos que aqui reencarnaram na Antiguidade. Chamados pejorativamente de *exilados de Capela*, oriundos de uma constelação localizada em Cocheiro, esses espíritos (“aquela turba de seres sofredores e infelizes”, segundo o espírito Emmanuel) imigraram para cá a fim de dar continuidade ao seu processo evolutivo e também contribuir para o progresso do planeta.

Em *A Gênese*, Allan Kardec admite a emigração e imigração dos espíritos, que possibilita um intercâmbio entre a população terrestre e a população espiritual. Esse mesmo intercâmbio ocorre entre mundos, galáxias, quase sempre acompanhado de cataclismos, flagelos destruidores, da desencarnação em massa. Segundo Kardec, “foi uma dessas grandes imigrações, ou, se quiserem, uma dessas colônias de espíritos, vinda de outra esfera, que deu origem à raça simbolizada na pessoa de Adão e, por essa razão mesma, chamada raça adâmica. Quando ela aqui chegou, a Terra já estava povoada desde tempos imemoriais, como a América, quando aí chegaram os europeus.”⁷ Essa tese é desenvolvida por Emmanuel em *A Caminho da Luz* e por Edgard Armond em *Os Exilados da Capela*, ambos inspirados e influenciados mais pelo esoterismo do que pelo espiritismo. Os capelinos teriam, segundo esses autores, dado origem à raça branca. As raças negra e amarela, autóctones, já existiam em nosso planeta.

Estágios Evolutivos

A evolução espiritual se processa em três estágios: Pré-hominal, Hominal e Pós-hominal.⁸

1. Estágio Pré-hominal — Nessa etapa primordial o princípio inteligente encarna em formas primitivas, rudimentares. Não sabemos seu início. Hoje compreendemos que existem na natureza formas de vida admiráveis, complexas, que se situam entre o mineral e o vegetal, entre o vegetal e o animal, criaturas tão estranhas quanto um ornitorrinco ou um aptérix. Um dos exemplos mais intrigantes é o do bacteriófago, pequeno ser devorador de bactérias citado por Hernani Guimarães Andrade em seu livro *Morte, Renascimento e Evolução*.⁹ Ele possui características que o situam entre o reino mineral e o animal, assim como os vírus, formas de vida difíceis de se classificar e somente possíveis de serem visualizadas graças ao avanço tecnológico, aos microscópios eletrônicos de altíssima capacidade.

⁷ *A Gênese*, Allan Kardec – cap. XI, item 38.

⁸ Segundo o espírito André Luiz, em *Evolução em Dois Mundos*, o princípio inteligente levou cerca de um bilhão e 500 milhões de anos para chegar à era quaternária, quando apareceram os primeiros hominídeos e “a civilização elementar do sílex”, que teria surgido há cerca de 200 mil anos (pág. 36). Considerando que a Terra tem aproximadamente 4,5 bilhões de anos, a nossa civilização é relativamente jovem.

⁹ *Morte, Renascimento e Evolução*, Hernani Guimarães Andrade – cap. II, Vírus e Bacteriófagos.

Segundo a cristalografia,¹⁰ seriam seres inanimados. Mas essas criaturas podem ser consideradas como intermediárias entre a matéria inanimada e a matéria viva. Do inorgânico ao orgânico. Conforme a tese espírita, há aí nesses bichinhos um princípio inteligente com todas as potencialidades futuras. Fenômeno que deverá ocorrer também em formas de vida ainda mais rudimentares, mas nem por isso menos complexas em sua forma e estrutura. São exemplos que existem em nosso planeta. Que dirá em outros mundos mais avançados e extremamente diferenciados.

Em estágios mais adiantados, ocorre o desenvolvimento do automatismo, da primazia do instinto, uma forma rudimentar de inteligência. A ação do princípio inteligente se acha condicionada à evolução biológica, ao automatismo instintivo, a um mecanismo evolutivo, material e contínuo, ainda pouco conhecido. Trata-se de um processo caótico, cíclico, ciclópico e aparentemente contraditório.

A reencarnação do princípio inteligente em formas mais primitivas, pré-humanas, é imediata, “como a rapidez do relâmpago”. Não há erraticidade. Há espíritos que monitoram esse processo, conforme podemos observar em *O Livro dos Espíritos*. Até parece ficção. No entanto, a tradição oral, o folclore de quase todas as culturas fala de seres da natureza que protegem a fauna, a flora, dos elementais, possivelmente criaturas em uma condição evolutiva intermediária.

Erraticidade é um período transitório, uma condição evolutiva que existe somente para os seres pensantes, dotados de razão e livre-arbítrio. Os espíritos dizem que os animais desencarnados vivem numa *espécie de erraticidade*, mas não são espíritos errantes, uma condição exclusiva dos espíritos humanos, como vemos nessa passagem de *O Livro dos Espíritos*:

600. *Sobrevivendo ao corpo em que habitou, a alma do animal vem a achar-se, depois da morte, num estado de erraticidade, como a do homem?*
“Fica numa espécie de erraticidade, pois que não mais se acha unida ao corpo, mas não é um *espírito errante*. O espírito errante é um ser que pensa e obra por sua livre vontade. De idêntica faculdade não dispõe o dos animais. A consciência de si mesmo é o que constitui o principal atributo do espírito. O do animal, depois da morte, é classificado pelos espíritos a quem incumbe essa tarefa e utilizado quase imediatamente. Não lhe é dado tempo de entrar em relação com outras criaturas.”

Kardec admite a tese da influência dos espíritos nos fenômenos da natureza de uma forma que causa espanto. Como é que miríades de espíritos podem influir nesses fenômenos, provocando cataclismos, tempestades, furacões e coisas do gênero? Eles ainda não são espíritos, mas é como se fossem, provavelmente pela sua estrutura e forma, pelo pensamento contínuo ainda em desenvolvimento, talvez em fase de acabamento.

¹⁰ Disciplina científica, vinculada à biologia, que estuda o comportamento dos cristais, o seu formato e estrutura e as leis que ordenam sua formação.

Quem sabe se os gnomos e duendes, elfos, dríades e hamadriades, na Europa, bem como os sacis-pererês, curupiras e boitatás aqui do Brasil não sejam a representação simbólica de criaturas híbridas, esquizóides, fantásticas, que ainda estagiam no período pré-humano, mas que se situam numa zona de transição do processo evolucionário? Não sabemos...

Mas temos informações através da filosofia espírita que esse princípio inteligente — mônada para alguns pensadores, gérmen espiritual para outros — inter-vém nesse processo mecânico e repetitivo na medida em que aprimora a inteligência, desenvolve a percepção de si mesmo em uma escalada de individuação consciencial, de autoconstrução de sua identidade e personalidade futura como ser pensante, volitivo, sexual, pulsante, através de sucessivas existências, inclusive na transmissão de sua carga genética aos seus descendentes.

É nesse período que ocorrem os primeiros lampejos de pensamento, ainda muito distantes do pensamento contínuo, próprio dos seres humanos e humanóides, conforme a tese do espírito André Luiz em *Evolução em Dois Mundos*. É um período de construção do corpo mental e da individualidade perene.

Em animais com maior desenvolvimento intelectual ocorre também o desabrochar da afetividade e do psiquismo. Quem convive ou já conviveu com animais domésticos como gatos, cachorros ou com cavalos, golfinhos, porcos e símios, sabe que eles não são orientados somente pelo instinto. Eles demonstram afetividade, possuem percepções psíquicas e uma individualidade toda própria.

A ciência ainda se recusa a aceitar a emoção nos animais. Que dirá o psiquismo, a espiritualidade em estado germinal, observável em muitas pesquisas realizadas pelos metapsiquistas e cientistas espíritas, dentre eles o grande pesquisador italiano Ernesto Bozzano.¹¹ Os animais possuem inteligência e só. Fora disso é zoomorfismo. Imaginar que as academias científicas admitam a emoção e a existência de alma ou de algum princípio extrafísico nos animais é querer demais. Ainda é um tabu científico.

Os espíritos sustentam a tese da continuidade evolutiva, mas por falta de palavras adequadas e maiores informações, eles recorrem à linguagem poética, como vemos nessa passagem de *O Livro dos Espíritos*: “É assim que tudo serve, que tudo se encadeia na Natureza, desde o átomo primitivo até o arcanjo, que também começou por ser átomo. Admirável lei de harmonia, que o vosso acanhado espírito ainda não pode apreender em seu conjunto!”¹²

2. Estágio hominal — É a fase do despertar da razão e do sentimento, do uso do livre-arbítrio através do mesmo mecanismo evolutivo, mediado pela palingênese, onde as potencialidades psíquicas e intelecto-morais se encontram em um momento propício de aprimoramento.

¹¹ O grande cientista espírita italiano realizou vários estudos sobre a evolução e manifestação psíquica nos animais. Pesquisou, inclusive, casos raros de materializações de animais.

¹² *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec - questão 540.

O exercício da razão e do livre-arbítrio determina o desabrochar dessas potencialidades, da consciência e da moralidade. Do avanço intelectual, em um primeiro momento, chega-se ao aprimoramento moral. O progresso intelectual precede o progresso moral.

Esse processo ininterrupto segue um determinismo primordial em que todos os seres e galáxias do universo se acham imersos, tudo tendendo ao melhoramento progressivo em todos os níveis de existência e de manifestação física. Não é fatalista, ao contrário de outras correntes de pensamento, notadamente nos fenômenos produzidos pela consciência do ser pensante, o princípio inteligente dotado de razão e livre-arbítrio, para quem a afetividade e a pulsão sexual desempenham um papel fundamental na autoconsciência, no relacionamento ambiental, ecossistêmico.

Tudo isso segundo uma causalidade primordial desconhecida em sua origem e natureza, que algumas religiões chamam de Deus, Jeová, Alá etc. E o espiritismo, na tentativa frustrada de fugir do antropomorfismo, denominou de causa primária ou inteligência suprema. Apesar de, logo no início de *O Livro dos Espíritos*, Kardec apresentar um Deus (causa primária e inteligência suprema) completamente diferente daquele venerado pelo cristianismo — criado à imagem e semelhança do homem —, podemos perceber que a linguagem utilizada ainda mostra-se impregnada pela ideologia judaico-cristã. É o que se vê ao longo de toda a kardequiana, notadamente nas Leis Morais e em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. “Deus não permitiria”, “Deus não quer”, Deus isso, Deus aquilo... Allan Kardec não conseguiu superar o antropomorfismo e ainda incluiu entre os princípios gerais da doutrina espírita a existência de Deus como corolário de suas reflexões morais.

Para o espiritismo há uma finalidade em todo esse processo: a perfeição. Tudo progride, tudo se aperfeiçoa, em um fluxo determinista compatível com o livre-arbítrio, sem que haja fatalidade nas ações e em seus efeitos. A lei de causalidade, ou de ação e reação, nada tem de fatalista. Daí que o karma, uma aplicação mecânica e sectária da lei de causa e efeito, é incompatível com o pensamento libertário do espiritismo. Não existe fatalismo nos atos da vida moral. A filosofia espírita concilia a liberdade com a causalidade e com o determinismo existencial.

Pois é através da liberdade, da volição, da superação das vicissitudes da vida moral e material que o princípio inteligente, agora espírito, constrói a cultura, a sociedade, as relações interpessoais, cria a ciência, desenvolve a tecnologia, projeta um universo todo próprio, seja aqui nesse mundo ou no mundo extrafísico.

Devido ao fenômeno da erraticidade, os espíritos desencarnados criam comunidades, mundos paralelos, forjam estruturas a partir da manipulação de energias, da matéria-prima própria de seu contexto extrafísico, como fazemos através da arquitetura, do urbanismo e da engenharia civil, com a construção de cidades, edifícios, pontes e estradas.

Nesse estágio evolutivo o ser humano aprende a ser espírito, seja no mundo físico ou no extrafísico, pela própria força das coisas. Ele se percebe como indivíduo mesmo desencarnado, devido a sua consciência e ao seu cor-

po; semelhante, no formato, ao aspecto físico de sua última existência, por indução de sua vontade, de seu pensamento ao criar, naturalmente e de modo quase automático, um campo de energia gradual, plasmática, que lhe permite acessar o espaço extrafísico pela sua vontade e o mundo físico, seja através do processo de comunicação mediúmica ou mediante a palingênese.

É nesse campo energético, o perispírito, segundo a terminologia kardecista, que se encontra a chave do entendimento das relações e correlações interpessoais, mentais e psicossomáticas do ser pensante, na produção de fenômenos psíquicos e parapsíquicos, em sua ação como força viva da natureza, como o elemento inteligente do universo, individualizado e sobrevivente a todos os processos entrópicos, mergulhado na dinâmica da evolução, ainda que, em determinados momentos, em direção oposta à sua vontade mais íntima.

3. Estágio pós-hominal — Kardec dividiu os espíritos em três ordens: imperfeitos, bons e os puros, pertencentes à primeira ordem. São os serafins, anjos, arcanjos na linguagem cristã, ou avatares, no hinduísmo. São seres que alcançaram o nirvana, conforme o budismo. Formam uma classe única. “Os espíritos que a compõem percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas, nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.”¹³

Fora do contexto da erraticidade e da reencarnação, o princípio inteligente evoluciona em um nível ainda incompreensível e inconcebível. É um estágio de extrema pureza intelectual e moral, num patamar de superconsciência, inacessível a nossos sentidos e à nossa compreensão. Trata-se de uma perfeição transcendente, superior aos estágios evolutivos anteriores, mas relativa, já que a perfeição absoluta é um atributo essencial e exclusivo da Inteligência Suprema. A evolução espiritual, segundo o espiritismo, é contínua, caótica, infundável e permanente.

Considerações Finais

A teoria da evolução constitui-se hoje numa das grandes conquistas da humanidade. Seus princípios, lançados por Darwin há mais de 150 anos, permanecem atuais, ainda que suas concepções no campo da genética estejam ultrapassadas. Foi a formulação teórica mais influente e perene do século 19, maior do que a marxista e a kardecista. Nem as teorias de Freud, formuladas pouco tempo depois, foram tão influentes quanto a do naturalista inglês, que hoje divide com Wallace a primazia dessa tese genial.

As religiões monoteístas são as maiores inimigas do evolucionismo, pois ele derruba os principais dogmas sustentadores do seu edifício teológico. O criacionismo tenta juntar os cacos da teologia cristã através do design inteligente, de debates com cientistas adeptos do evolucionismo, da influência na política escolar, num confronto entre ateus e deístas. Kardec, que não era nem um

¹³ *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec – questão 113.

pouco ingênuo, percebeu no evolucionismo uma teoria que veio para ficar, ainda que ela se chocasse com suas concepções lamarckianas acerca da origem da vida. Até o fim de sua existência ele foi adepto da teoria da geração espontânea, bem como da frenologia. Sustentou posições conservadoras em relação à mulher, à raça negra e aos movimentos políticos de esquerda. Isso não diminui o seu valor. Apenas demonstra que era um homem de seu tempo, sujeito aos condicionantes psicológicos, culturais e políticos como qualquer ser humano.

O espiritismo, assim como o budismo e o hinduísmo, para citar duas religiões bem conhecidas, não entra em confronto com as teses evolucionistas. Ao contrário, a teoria evolucionista é uma grande aliada, pois a filosofia espírita marcha lado a lado com a ciência, e passa ao largo do embate entre criacionistas e evolucionistas.

Todavia, o espiritismo, de certa forma, é criacionista pois admite que tudo começou pela intervenção, pela “vontade” de uma Inteligência Superior, mas também é evolucionista pois admite a continuidade evolutiva entre os animais e o homem. Trata-se de um paradoxo. Como é possível ser evolucionista e criacionista ao mesmo tempo?

O deísmo espírita¹⁴ não se choca com o evolucionismo. A ideia de Deus no espiritismo não é suficiente para ser tachado de criacionista, pois concilia criação e evolução, no dizer do escritor espírita Deolindo Amorim: “Não seria Deus, pela sua mão, o executor do trabalho, como se alguém, na condição de pessoa física, viesse tirar o homem brutal da caverna e colocá-lo na situação atual de um ser aperfeiçoado”. “Deus não força a evolução pois ela se realiza por leis adequadas dentro de condições próprias.”¹⁵

Kardec afirmou por diversas vezes que as ideias espíritas são antigas e disseminadas em muitas culturas e religiões da antiguidade. Deus, espírito, reencarnação, imortalidade são conceitos existentes. A novidade é o tratamento experimental sob critérios científicos na observação minuciosa dos fenômenos medianímicos que até então eram considerados sobrenaturais e portanto inacessíveis à investigação científica. Nesse sentido, o estudo sistematizado e metodológico da mediunidade e o conceito espírita de evolução são duas novidades no campo do espiritualismo onde a filosofia espírita se insere.

¹⁴ Em *Obras Póstumas*, no artigo *As Cinco Alternativas da Humanidade*, Kardec confronta o espiritismo (a quinta alternativa) com o materialismo, o panteísmo, o deísmo (providencial e independente) e o dogmatismo. A concepção espírita de Deus tende mais para uma idéia não antropomórfica, ainda que haja na linguagem kardecista a influência da antiga escolástica.

¹⁵ O escritor Deolindo Amorim (1906-1984), Carlos Imbassahy (1883-1969) e Herculano Pires (1914-1979) constituem o grande trio de intelectuais espíritas brasileiros que procuravam correlacionar o espiritismo com a cultura, com as correntes filosóficas e científicas da atualidade. O evolucionismo é uma dessas questões analisadas por Deolindo na conferência *Deus e a Criação*, proferida em 1980 no Senac-SP e lançada em livro sob o título *Encontro com a Cultura Espírita*, pela editora O Clarim. Carlos Imbassahy também realizou um estudo muito interessante em uma obra de fôlego intitulada *Evolução*. E Herculano Pires, na obra póstuma, *Evolução Espiritual do Homem*.

O evolucionismo espírita é único, singular, original. Diferencia-se do hinduísmo porque descarta o karma, o fatalismo e a metempsicose. Distancia-se do evolucionismo monista e panteísta do filósofo espiritualista italiano Pietro Ubaldi e do conceito budista de nirvana, por supervalorizar o livre-arbítrio, a individualidade do ser humano, elevando-o à condição de artífice de seu próprio destino. Na concepção evolutiva do espiritismo, o espírito não perde jamais a sua individualidade, mesmo quando supera o estágio hominal e torna-se espírito puro. Ele não se integra ao todo como uma gota no oceano, deixando de ser espírito para retornar às origens, ao início de sua escalada evolutiva segundo o anacrônico conceito da queda espiritual.

Essa evolução se processa em dois mundos, no físico e no extrafísico, sem a primazia de nenhum deles. São apenas momentos na evolução, sujeitos ao tempo e ao espaço. Nesse aspecto, o evolucionismo espírita se diferencia também do evolucionismo roustainguista, que admite a queda do espírito e a evolução somente no mundo extrafísico, sem a necessidade da reencarnação.

A palingênese é o mecanismo evolutivo da vida imortal e perene. Encarnamos e reencarnamos porque existimos e não porque somos culpados ou sujeitos a algum tipo de queda espiritual como vemos na teologia cristã, no ubaldismo e no roustainguismo.

Conceitos semelhantes ao evolucionismo espírita iremos encontrar no pensamento do metapsiquista francês Gustave Geley e na filosofia céltica, analisada com muita propriedade pelo Druida de Lyon.

Na *Revista Espírita*, Kardec faz um interessante estudo intitulado *O Espiritismo entre os Druidas*, onde compara as ideias espíritas com a filosofia céltica, demonstrando as afinidades filosóficas entre ambas.¹⁶ A propósito, o nome Allan Kardec, segundo revelação do espírito Zéfiro, seu protetor, teria sido o nome de uma das encarnações de Rivail entre os druidas, na Bretanha, ao tempo de César. Essa informação se incorporou à cultura espírita através da tradição oral. Basta lembrar que o túmulo do fundador do espiritismo tem o formato de um dólmen, semelhante aos monumentos megalíticos onde os druidas celebravam os seus rituais de iniciação e de fertilidade.

As coincidências entre o celtismo e o espiritismo são admiráveis. No evolucionismo céltico a alma tem que atravessar três círculos evolutivos: *Abred* (existências corpóreas sujeitas ao determinismo biológico e palingenético), *Gwened* (existência fora do determinismo, não há reencarnação) e *Keugant*. (espaço somente acessível ao Criador, ao Eterno É). O ser inicia sua trajetória a partir do *Anufn* (abismo), ponto de partida de todas as almas, cuja origem também é desconhecida. Como na filosofia espírita, não existe involução. Há uma marcha ascendente, contínua, até o ser tornar-se perfeito, pleno de sabedoria, de amor e felicidade. Mas isso seria tema para outros estudos...

¹⁶ *Revista Espírita*, abril de 1868.

Bibliografia

- AMORIM**, Deolindo. *Deus e a Criação* in Encontro com a Cultura Espírita. 1ª ed. Matão, Casa Editora O Clarim, 1981.
- . *O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas*. 4ª ed. Curitiba, Livraria Ghignone Editora, 1984.
- ANDRADE**, Hernani Guimarães. *Morte, Renascimento, Evolução - Uma Biologia Transcendental*, 1ª ed. São Paulo, Editora Pensamento, 1983.
- . *Espírito, Perispírito e Alma - Ensaio sobre o Modelo Organizador Biológico*, 1ª ed. São Paulo, Editora Pensamento, 1984.
- ANDRÉA**, Jorge. *Palingênese, a Grande Lei*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Cia. Editora Fon-Fon e Seleta, 1980.
- AIZPÚRUA**, Jon. *Fundamentos del Espiritismo*, s/ed. Caracas, Venezuela, Movimento de Cultura Espírita CIMA, 1991.
- ARMOND**, Edgard. *Os Exilados da Capela*. 5ª ed. São Paulo, LAKE, 1981.
- BOZZANO**, Ernesto. *Os Animais Têm Alma?* Trad. Francisco Klörs Werneck, 4ª ed. São Paulo, Lachâtre, 1999.
- CHALLAYE**, Félicien. *Pequena História das Grandes Religiões*. 1ª ed. São Paulo, Ibrasa, 1962.
- DARWIN**, Charles. *A Origem das Espécies, no Meio da Seleção Natural ou A Luta pela Existência na Natureza*. Trad. Joaquim da Mesquita Paul, s/ed. Porto, Portugal, Lello & Irmão Editores, 2003.
- . *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*. Trad. Leon de Souza Lobo Garcia, 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- DELANNE**, Gabriel. *Evolução Anímica*. Trad. Manuel Quintão, 4ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1976.
- DENIS**, Léon. *No Invisível*. Trad. Leopoldo Cirne. 7ª ed. Rio de Janeiro, 1973.
- DAWKINS**, Richard. *Deus, um Delírio*. Trad. Fernanda Ravagnani. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- . *O Gene Egoísta*. Trad. Geraldo H.M. Florsheim. 1ª ed. São Paulo, EDUSP, 1979.
- . *O Relojoeiro Cego – A Teoria da Evolução Contra o Desígnio Divino*. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- DORST**, Jean. *A Força do Ser Vivo*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 1ª ed. São Paulo, Edições Melhoramentos - USP, 1981.
- GELEY**, Gustave. *Del inconsciente al Consciente*. Trad. Editora Cultural Espírita Léon Denis C.A., s/ed. Caracas, Venezuela, Ediciones CIMA, 1995.
- . *Resumo da Doutrina Espírita*. Trad. Isidoro Duarte Santos, 3ª ed. São Paulo, LAKE, 1975.
- . *O Ser Subconsciente*. Trad. Gilberto Campista Guarino, 1ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1974.
- . *Estudios Sobre la Reencarnacion y la Mediumnidad*. Trad. Movimento de Cultura Espírita CIMA, s/ed. Caracas, Venezuela, Ediciones CIMA, 1992.
- GROSSVATER**, David. *Espiritismo Laico*. 3ª ed. Caracas, Venezuela, Editores Mexicanos Unidos S.A., 1974.
- HOWARD**, Jonathan. *Darwin*. col. Mestres do Passado. 1ª ed. Lisboa, Portugal, 1982.
- HORTA**, Márcio Rodrigues. *A Primeira Teoria Evolucionista de Wallace* in Scientiæ Studia, vol. 1, nº 4, p. 519-30 - revista trimestral do Dep. Filosofia da USP - FFLCH - São Paulo, Parque de Ciência e Tecnologia, 2003.
- KARDEC**, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. Guillon Ribeiro. 76ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1995.
- . *Obras Póstumas*. Trad. Sylvia Mele Pereira da Silva, intr. e anot. José Herculano Pires. 2ª ed. São Paulo, LAKE, 1979.
- . *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 36ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1995.
- . *O Livro dos Médiuns*. Trad. Guillon Ribeiro, 62ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1996.
- . *Revista Espírita*. Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo, EDICEL, 12 v. s/d.
- . *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro, 112ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1996.

LARA, Eugenio. *À Guisa de Introdução: Os Celtas e o Espiritismo*. in Temas do Pensamento Espírita – V SBPE, *anais*, 1ª ed. Santos, Licespe, 1997.

MARIOTTI, Humberto. *Parapsicologia e Materialismo Histórico*. Trad. J.L. Ovando, superv. J. Herculano Pires. 2ª ed. São Paulo, EDICEL, 1983.

–. *Filósofo Herculano Pires e Poeta*. 1ª ed. São Paulo, Editora Correio Fraternal do ABC, 1984.

MASSON, Jeffrey Moussaieff e **McCARTHY**, Susan. *Quando os Elefantes Choram - A Vida Emocional dos Animais*. 1ª ed. São Paulo, Geração Editorial, 2001.

MYERS, Fredrich. *A Personalidade Humana*. s/ed. São Paulo, Gráfica e Editora Edigraf S.A. s/d.

PIRES, José Herculano. *Introdução à Filosofia Espírita*. 1ª ed. São Paulo, Paideia, 1983.

–. *O Espírito e o Tempo - Introdução Antropológica ao Espiritismo*. 4ª ed. São Paulo, Edicel, 1982.

–. *Curso Dinâmico de Espiritismo - O Grande Desconhecido*. 1ª ed. São Paulo, Paideia, 1979.

PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo Dialético*. Trad. José Rodrigues, 1ª ed. São Paulo, Editora C.E. José Barroso, 2002.

–. *Origen de las Ideas Morales*. s/ed. Caracas, Venezuela, Ediciones CIMA, 1998.

–. *Livre-arbítrio e Determinismo* in Caderno Cultural Espírita. Trad. Ciro Pironi, 1ª ed. Santos, Licespe, s/d.

REGIS, Jaci. *Do Homem e do Mundo – Uma Nova Visão*. 2ª ed. Santos, Licespe, 1994.

RIZZINI, Carlos de Toledo. *A Reencarnação em Face da Biologia* in Anais do Instituto de Cultura Espírita do Brasil Vol. V, Juiz de Fora, Instituto Maria, 1983.

RUTHERFORD, Ward. *Os Druidas*. 1ª ed. Trad. José Antonio Ceschin. 1ª ed. São Paulo, Mercury, 1994.

UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese*. Trad. Carlos Torres Pastorino e Paulo Vieira da Silva. 18ª ed. Rio de Janeiro, Fraternidade Francisco de Assis, 1997.

–. *O Sistema – Gênese e Estrutura do Universo*. Trad. Carlos Torres Pastorino. Rio de Janeiro, Ed. C.T. Pastorino, 1957.

WALLACE, Alfred Russel. *The Intelligence and Perfectibility of Animals*. in The Alfred Russel Wallace Page. URL: <http://www.wku.edu/~smithch/wallace/S180.htm>, 1871,

–. *Spiritualism and Science*. URL: <http://www.wku.edu/%7Esmithch/wallace/S219.htm>, 1873.

–. *On the law which has regulated the introduction of new species*.

URL: <http://www.wku.edu/~smithch/wallace/BIOG.htm>, 1855.

XAVIER, Francisco Cândido e **VIEIRA**, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*. Ditado pelo espírito André Luiz. 7ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1983.

XAVIER, Francisco Cândido. *A Caminho da Luz*. Ditado pelo espírito Emmanuel. 22ª ed. Rio de Janeiro, FEB, 1996.

Eugenio Lara é arquiteto e design gráfico. Coeditor do site PENSE - Pensamento Social Espírita [www.viasantos.com/pense], membro-fundador do CPDoc - Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, expositor do ICKS - Instituto Cultural Kardecista de Santos e do Centro Espírita Allan Kardec, de Santos.